

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE DIREITO**  
**Jaqueline de Oliveira Moreira**

**EM “HISTÓRIA DA LOUCURA NA IDADE CLÁSSICA” UMA HISTÓRIA DE  
EXCLUSÃO E DE SUBSTITUIÇÃO DA LOUCURA POR OUTRO  
DISPOSITIVO DE EXCLUSÃO DA LOUCURA E DO LOUCO**

**Juiz de Fora**  
**2021**

**Jaqueline de Oliveira Moreira**

**EM “HISTÓRIA DA LOUCURA NA IDADE CLÁSSICA” UMA HISTÓRIA DE  
EXCLUSÃO E DE SUBSTITUIÇÃO DA LOUCURA POR OUTRO  
DISPOSITIVO DE EXCLUSÃO DA LOUCURA E DO LOUCO**

Trabalho de conclusão de curso sob o formato de ensaio apresentado à Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharela em Direito.

Juiz de Fora

2021

**Jaqueline de Oliveira Moreira**

**EM “HISTÓRIA DA LOUCURA NA IDADE CLÁSSICA” UMA HISTÓRIA DE  
EXCLUSÃO E DE SUBSTITUIÇÃO DA LOUCURA POR OUTRO  
DISPOSITIVO DE EXCLUSÃO DA LOUCURA E DO LOUCO**

Trabalho de conclusão de curso sob o formato de ensaio apresentado à Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharela em Direito.

Aprovada em \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliana C. Perini (UFJF) - Orientadora

---

Prof. Me. Leandro de Oliveira Silva (UFJF)

---

Prof. Dr. Wagner Silveira Rezende (UFJF)

## RESUMO

Na obra “História da loucura na Idade clássica” Foucault estuda a dinâmica da exclusão da loucura na idade moderna. Este ensaio buscou, através de revisão bibliográfica, examinar a experiência da exclusão da loucura como um dos fundamentos das práticas disciplinares e o nascimento futuro da clínica. No período da “grande encarceração” o louco será encarcerado junto aos pobres, ladrões, prostitutas, tuberculosos. A expressão irracional da loucura será apartada das outras formas de desvios e anormalidades. Destituir os corpos da irracionalidade significou a exclusão da loucura pelo imperativo racionalista e pelo exercício da tutela administrativa e jurídica do louco. Inicia-se o processo de tratamento da loucura como objeto futuro das especialidades médicas – principalmente a prática psiquiátrica – e como sujeito da economia disciplinar das instituições de poder no ocidente.

**Palavras-chave:** Loucura. Irracionalidade. Exclusão. Idade Moderna. Poder psiquiátrico.

## RÉSUMÉ

Dans l'ouvrage « Histoire de la folie à l'âge classique », Foucault étudie la dynamique de l'exclusion de la folie à l'âge moderne. Cet essai a cherché, à travers de la révision bibliographique, examiner l'expérience de l'exclusion de la folie comme un des fondements des pratiques disciplinaires et la future naissance de la clinique. Pendant la période du « grand emprisonnement », le fou sera emprisonné avec les pauvres, les voleurs, les prostituées et les tuberculeux. L'expression irrationnelle de la folie sera séparée des autres formes de déviations et d'anormalités. Destituer les corps de la déraison signifiait l'exclusion la folie par l'impératif rationaliste et par l'exercice de la tutelle administrative et légale du fou. Le processus de traitement de la folie commence comme un futur objet des spécialités médicales – principalement la pratique psychiatrique – et comme un sujet de l'économie disciplinaire des institutions de pouvoir en Occident.

**Mots-clés :** Folie. Déraison. Exclusion. Epoque moderne. Pouvoir psychiatrique.

## EM HISTÓRIA DA LOUCURA, UMA HISTÓRIA DE EXCLUSÃO

Em “História da Loucura na idade clássica” Michel Foucault (1987) ressalta uma relação expressiva entre as ideias de irracionalidade e loucura. A noção de irracionalidade apresenta dois estatutos diferentes em “História da Loucura”. O presente ensaio foi realizado na perspectiva da “arqueologia do saber”<sup>1</sup> examinando a irracionalidade como um sentido último da loucura na idade moderna (FOUCAULT, 1978) e como um sedimento sobre o qual a loucura surgiu e se cristalizou.

A irracionalidade foi igualmente considerada na perspectiva filosófica, momento no qual o francês segmenta uma estrutura analítica- filosófica da razão. A irracionalidade se apresenta, nesse instante, como o “Outro” da razão. Esse estatuto se manifesta no confronto dos termos “a experiência da loucura” e “a experiência da razão”.

Em “História da Loucura” é possível visualizar esses dois estatutos presentes em passagem avizinhas na obra. Há, inclusive, um entrelaçamento entre eles. Em alguns momentos, possivelmente, o sentido arqueológico da irracionalidade é absorvido pelo sentido filosófico. O exemplo mais característico ocorre quando o estudo da loucura é realizado com referência à experiência. Na obra de Foucault a expressão “experiência clássica da loucura” designa a percepção da loucura na idade moderna, bem como a “experiência da irracionalidade” ou a “experiência da razão” (FOUCAULT, 1978).

---

<sup>1</sup> Segue uma abordagem didática sobre a arqueologia do saber, forma de produção de conhecimento cujo particularismo torna-se problemático na ausência da percepção epistemológica. “Por arqueologia, Foucault entende o desvelamento da circunstância histórica que faz necessária certa forma de pensamento. A arqueologia, à diferença da história factual que não é capaz de dar conta do conceito e da sua formação em uma época procura marcar as mutações; não os momentos primeiros, que são sempre relativos (FOUCAULT, 2001, p. 145). Procura explorar as diferenças entre conceitos, objetos, estilos, teorias; entre as formas de racionalidade que o sujeito humano aplicava a si mesmo (FOUCAULT, 2001, p. 318-320). A arqueologia também difere da história das ciências. Ela se interessa pelos saberes que transcendem e englobam a ciência do momento, que não são o senso comum ou o bom senso, mas os conhecimentos, mesmo aqueles (des)qualificados como ingênuos ou não científicos, os saberes particulares, as formas de pensar das pessoas (do paciente, não a do médico, por exemplo). A diferença entre a arqueologia e a história das ciências ultrapassa a simples dilatação do campo epistemológico: o que estabelece a distância entre a história, a história das ciências e a arqueologia é que a arqueologia tem como fundamento a ideia de que uma época só pode ser entendida a partir dela mesma (FOUCAULT, 1979, p. 167). Uma arqueologia é um estudo das condições filosóficas, técnicas, institucionais, sociais, econômicas, políticas etc. de emergência dos discursos do saber em geral e da articulação entre eles em uma época. Informa sobre uma coerência, sobre uma episteme em um momento determinado (EWALD, 2004, p. 31).

Apesar de a experiência da razão não ser a ideia central da obra, sua noção será aventada com frequência.

O trabalho de Foucault está ligado a tradição do transcendentalismo filosófico: a experiência subentende a necessidade do sujeito e determinar de quem ele é. Na conceituação dos dispositivos diferenciados no texto subjazem os critérios de identificação do sujeito a partir da loucura ou do louco.

O primeiro estatuto de “irracionalidade” se revela em “História da Loucura” (1987) pela separação entre “irracionalidade” e “loucura”. É possível ilustrar a cisão através de dois exemplos. O primeiro trata dos momentos nos quais Foucault invoca a experiência da literatura e da arte. Uma função específica com relação à “experiência da irracionalidade” na condição não exatamente da política ou do poder.

Essa perspectiva importa e interessa a muitos estudiosos. Maurice Blanchot (1969) questionou esse “espaço entre”<sup>2</sup> e indaga da literatura e da arte uma função singular na experiência da irracionalidade (BLANCHOT, 1969). Uma análise possível emerge do cuidado em localizar o elo de ligação entre a loucura e o irracional e o que os distingue. Blanchot afirma que esse “espaço entre” foi erguido sobre o solo da experiência da loucura na idade “clássica”. Nesse ensaio, a denominação de uso comum aos anos 1960 e 1970, será substituída - sem prejuízo à referência ao tempo e ao espaço -, pela designação historiográfica “idade moderna”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Ressalta-se o fato de Maurice Blanchot tratar em particular o “espaço”. É neste espaço que se separa duas essências isoladas entres as quais a diferença externa é assim estabelecida.

<sup>3</sup> “Idade Clássica” é expressão francesa para designação do período conhecido por “Classicismo”. A primeira grande exclusão da loucura é identificada, na obra de Foucault, no final da Idade Média e o início da Idade Moderna. “Idade Moderna” é, no nosso país, terminologia de uso didático e pedagógico no campo da História. Assim, malgrado a tradução convencional e a designação a “Idade Clássica” foi privilegiado no trabalho o significado mais abrangente presente na expressão “Idade Moderna”. Considera-se maior a clareza ao campo dos estudos do poder e do direito, onde a expressão trazida pela tradução (“Idade Clássica”) pressupõe, entre outras, a ênfase no “Classicismo”, “Iluminismo” e “Humanismo” europeu (“recuperação” do discurso racional e político da Idade Clássica greco-romana) e no “Renascimento” (revalorização do homem como produtor de conhecimento e de sua capacidade de conhecer; expressão cultural, literária, filosófica e artística das experiências dos homens). Esses movimentos são facilmente reconhecidos pela ruptura crescente com o teocentrismo e reconstrução política e social “centrada” no homem.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, a loucura foi separada das outras formas de “desvios”<sup>4</sup>. Inicia-se o mecanismo da exclusão da loucura pela prática de separação dos loucos e sua diferenciação em relação aos “desviados”. A esse dispositivo de poder a redação dedica especial tratamento. Em outras palavras, interessa a prática sequencial da exclusão e da substituição da loucura por outra forma de exclusão. Durante a idade média ocidental a loucura não existira como uma adversidade ou questão social. No contexto das transformações da idade moderna a loucura foi isolada das outras formas de desvios e ganhou o estatuto de objeto independente. Um dos aspectos dessa transformação foi a coexistência de “níveis” diferentes identificáveis entre a loucura e a irracionalidade. Na baixa idade média (séc. XIII ao séc. XV) destitui-se as formas denominadas “irracionais”. A transição para a idade moderna exige a ruptura da conexão entre irracionalidade e a liberdade – compreendida como espaço da alienação e da ausência de limites. O objetivismo e o determinismo racional procedentes de algumas perspectivas do Renascimento e do Iluminismo exigirão também cuidado na identificação dos fatores fisiológicos da “loucura”.

Em razão de seu estranhamento diante da atividade normalizadora da razão moderna, os conhecimentos não-científicos – como a arte e a literatura - tentaram manter uma ligação com a experiência específica da liberdade. A função da arte e da literatura no período - e em seus contornos de transição -, será o primeiro fator de estudo em “História da Loucura”. Antes de os mecanismos da idade moderna produzirem mudanças definitivas<sup>5</sup>,

---

<sup>4</sup> Foucault menciona as enumerações características que testemunham uma mistura de “desvios” parecida: “De 1650 à época de Tuke, Wagnitz e Pinel, os Frades Saint-Jean de Deus, os Congregados de Saint-Lazare e os guardiões de Bethlem, de Bicêtre e das Zuchthusern declinam ao longo de seus registros as litâneas do internamento: "debochado", "imbecil", "pródigo", "enfermo", "espírito arruinado", "libertino", "filho ingrato", "pai dissipador", "prostituta", "insano". Entre todos, nenhum indício de alguma diferença, apenas a mesma desonra abstrata. O espanto pelo fato de doentes terem sido fechados, por ter-se confundido loucos com criminosos, surgirá mais tarde. Por ora, estamos diante de um fato uniforme.” (FOUCAULT, 1978, p. 94).

<sup>5</sup> Foucault traça uma bela narrativa e interessante análise sobre a presença quase desejável do “louco” livre em sociedade nos tempos precedentes ao classicismo e ao renascimento europeu. O exame da passagem seguinte entrega essa compreensão: “(...) a personagem do louco faz seu reaparecimento no Neveu de Rameau. Um reaparecimento em forma de bufonaria. Como o bufão da Idade Média, ele vive em meio às formas da razão, um pouco à margem sem dúvida, uma vez que não é como os outros, mas integrado nela, no entanto, uma vez que está aí como uma coisa, à disposição das pessoas razoáveis, propriedade mostrada de um para o outro e transmitida de um para outro. É possuído como objeto. Mas ele mesmo logo denuncia o equívoco dessa possessão, pois se para a razão é objeto de apropriação, é porque, para ela, constitui objeto necessário. Necessidade que atinge o próprio conteúdo e sentido de sua existência; sem o louco, a razão seria privada de sua realidade, seria monotonia vazia, tédio de si mesma, deserto animal que lhe



a liberdade fora íntima à experiência do irracional. A literatura e a arte mantiveram a capacidade de expressar o irracional dentro da sua própria língua. A expressão do conhecimento racional, o contrário, será marcada pelo futuro selo do objetivismo científico: poderá dizer muitas coisas sobre o irracional, mas nesse discurso, não haverá voz para a loucura (FOUCAULT, 1978). Essa narrativa representa, segundo a expressão de Foucault “o monólogo da razão sobre a loucura” (FOUCAULT, 1978). Cresce o poder da narrativa racionalista e ganha força a construção dos dispositivos científicos sobre a loucura (VEIGA-NETO, 2011).

Manifestações significativas em relação à loucura são marcadas, na pintura, por nomes como Van Gogh e Goya e pelos de Hölderlin, Nerval e Artaud na literatura.

O segundo exemplo trata da função da psiquiatria em “História da loucura”. Blanchot salienta a posição específica de Foucault como epistemólogo das ciências e seu poder em relação a psicanálise.

Foucault reconhece a psiquiatria positivista como uma das áreas mais interessadas no processo racionalizante inaugurado na idade moderna. A análise positivista dos fenômenos da loucura se situa na mesma dimensão do determinismo e do objetivismo científico. Revela, assim, uma pretensão teórica especializada diante das formas de loucura. Passado um século essa pretensão se tornará realidade. Embasará, como antes assinalado, a fratura definitiva do vínculo pretérito entre a liberdade do alienado e a sociedade através da arquitetura e da prática denominada “grande encarceramento” (SOULOUMIAC).

Ao curso de quase um século e meio, sequer foram formuladas questões como “o homem preso era verdadeiramente louco?” “Por que ele é louco?” e o que significava a loucura. Ao mesmo tempo, a ausência de uma base teórica para a prática de encarceramento não levantou dúvidas sobre sua abrangência. Desde os primórdios da Idade Moderna a superioridade desse componente prático foi imposta à experiência da loucura. Para indagar-se a essência dessa experiência é bom salientar como foi criado “o campo da alienação”, ou seja, onde se concretizou o “espaço do encarceramento”. Igualmente, ressaltar “a prática de encarceramento” e os tratos próprios à essa prática que permitiu a

---

devolveria sua própria contradição: "Agora que não mais me possuem, que fazem? entediam-se como cães ...". (...) Mas uma razão que só é ela mesma na posse de uma loucura deixa de poder definir-se pela imediata identidade consigo mesma e aliena-se nessa dependência" (FOUCAULT, p. 378-379).

Foucault empregar a noção de “alienação” para descrever sua essência antropológica. Antes, contudo, é preciso identificar a designação de “encarceramento” de um ponto de vista histórico – e historiograficamente reconhecido -, e delimitar as fronteiras cronológicas da análise de Foucault.

O período de encarceramento por Foucault denominado “o grande encarceramento” tem lugar na Europa ocidental a partir do segundo plantel do século XVII. Esse período foi marcado pela vasta prática do “aprimoramento” de pessoas identificadas como “a-sociais”. Milhares de pessoas foram enviadas para a prisão, hospitais, asilos, hospícios e sanatórios segundo o novo dispositivo da política de tratamento da loucura, o dispositivo do encarceramento.

Identifica-se na leitura de “História da Loucura” três traços principais característicos do encarceramento nesse período. Uma primeira percepção: a noção de “loucura” ainda não existia. É possível enumerar uma lista de “elementos a-sociais” na qual pauta-se “os loucos” (FOUCAULT, 1978). Uma segunda consideração traz a obviedade de o poder do encarceramento se exercer através da segregação. O sentido dessa exclusão consistiria em eliminar da sociedade todos os fenômenos percebidos como perigosos para os princípios “morais e sanitários”. A finalidade perseguida pela prática do encarceramento tem um caráter de correção e não de tratamento. “O internamento destina-se a corrigir, e lhe é fixado um prazo, não é um prazo de cura mas, antes, o de um sábio arrependimento” (FOUCAULT, 1978). Havia poucos traços em comum entre as casas de correção e as futuras instituições psiquiátricas. Poucos desses “hospitais/hospícios” direcionavam tratamentos médicos aos loucos. A transposição da loucura do campo da liberdade humana para a esfera futura do determinismo da natureza – e identificada por uma prática e um saber especializado – será o momento-chave de transição realizado no interior da idade moderna.

Projetos de reforma como os de Tuke e Pinel representam a mudança prática do procedimento da exclusão dos mecanismos anteriores de consideração social, moral e sanitária da loucura (FOUCAULT, 1978). Entre 1780 e 1794 Pinel realizou as reformas mais significativas e também as mais estudadas pelos especialistas em Saúde e Medicina Social. Os mecanismos dessa reforma promovem a dissolução do sistema social e político de percepção da loucura.

A construção teórica e arquitetônica fundante dos objetivos e objetos dos institutos especializados no acolhimento e tratamento da loucura são consideradas o protótipo das futuras clínicas psiquiátricas (FOUCAULT, 1978).

A experiência “clássica” da loucura é constituída por esses determinantes típicos de um contexto como o período moderno europeu. A transição para uma prática médica da psiquiatria especializada e capaz de curar a loucura ocorre junto aos hibridismos políticos, religiosos e culturais do período moderno. O estabelecimento da autoridade do conhecimento e da prática psiquiátrica não se imporá de um dia para o outro. A narrativa científica e acadêmica do saber médico e de outros conhecimentos científicos se instalará no interior do Estado de Direito no enfrentamento e no convívio com: a) o mitigar moderno, o escamoteamento da loucura nos meios aceitáveis da arte e da literatura; b) a valorização, a crítica e a disputa entre as escolas de pensamento nascidas nos diferentes momentos do grande encarceramento.

Não surpreende o desenvolvimento de um processo que levaria a imagem de uma loucura também hereditária para o período contemporâneo. A “loucura” foi aceita sem provas e passou a representar a fonte matriz de um grande problema na ordem social.

A “experiência moderna da loucura” revela uma particularidade na prática do encarceramento dos loucos junto aos outros “elementos a-sociais” e permite um significado ético atribuído à loucura por um longo período. O fato de aprisionar os loucos junto aos “desregrados”, “os libertinos” e os “viciados” testemunha uma percepção moral da loucura, ou seja, a loucura atrelada ao erro e ao mau uso da liberdade. Nesse momento, a loucura foi progressivamente separada das outras formas de irracionalidade e assume o caráter de um objeto particular de tratamento. Este processo se mantém na prática de eliminação dos vínculos da loucura com a “irracionalidade”. Como afirmado acima, a mudança no teor e significado ético da loucura a particulariza como uma doença que afetaria a alma, mas teria origem nos corpos. À imagem de um fenômeno no interior do “organismo”. As doenças do organismo do homem são descritas, classificadas e estabelecidas as suas causas. A “loucura” é progressivamente agregada a ordem da natureza. A sua experiência e relação com a liberdade são politicamente suprimidas. Esse processo concluiu a transformação da loucura em objeto de vigilância clínica. A “experiência moderna da loucura” começa a ser disciplinada pela forma médica do estabelecimento da verdade (SOULOUMIAC, 2004).

A verdade médica se estabelece a partir da consideração da “loucura” como exterior ao mundo “global” do irracional. Por isso é impossível encontrar na experiência médica e clínica da loucura traços da experiência que a precede. Foucault ressalta o exercício posterior da clínica como um sistema fechado onde nenhuma outra “verdade” exterior que teria testemunhado seu caráter convencional poderia ser considerado. Os aspectos da clínica não revelam a sua origem mediante a exclusão, repressão ou mesmo coação, práticas privada e pública do uso da força e violência ao longo dos séculos (FOUCAULT, 1978).

A referência à clínica traz uma reflexão a partir da questão do saber em Foucault. A alienação constituía uma base antropológica da experiência da loucura no período de encarceramento. O encarceramento não será movimento suficiente para eliminar da loucura a noção fluida da alienação. A partir da análise das mudanças da percepção da loucura - de sua compreensão com o fundo comum entre a irracionalidade e a transformação em objeto isolado de estudo -, Foucault evidencia a permanência da “alienação” na narrativa ocidental da loucura. Torna-se global. A clínica manifesta uma forma mais sofisticada da alienação. A verdade da loucura é separada da verdade de outros conhecimentos e dividida em especialidades para ser estudada. Na estrutura anterior ao encarceramento, “o louco” estava alienado da sociedade, mas não alienado de si mesmo. Isso porque um determinado objetivo ético lhe fora conferido. Ou seja, o louco era reconhecido implicitamente como “criador” e possessor de sua própria loucura, como portador de sua verdade. Na estrutura clínica, é submetido a uma dupla alienação: ele é isolado da sociedade e alienado de si mesmo. Isto por que a “loucura” não é mais percebida sob o fundo da liberdade, mas a partir do determinismo natural. O louco deixa de ser possuidor de sua própria verdade e a “verdade” será determinada pela razão da clínica. Pelo poder da clínica. Identifica-se o fim de um entre outros processos que determinavam a essência antropológica da era moderna, ou seja, altera-se completamente o regime de compreensão “do Outro” (KRAEMER, 2011).

No período do encarceramento o sentido do ‘Outro’ se encontrava em duas esferas distintas: 1 - No quadro das definições do direito o lugar onde a “loucura” se formava foi compreendido como a incapacidade jurídica. É nesse contexto que a verdade clínica alcança autoridade e força públicas: as definições médicas foram convocadas ao serviço da desqualificação jurídica da loucura. Nesse momento, o louco, paciente em ação civil ou penal, é destinado, por decisão judicial à tutela do Estado ou à tutor designado

judicialmente. 2 - Nos espaços onde “a loucura” fora considerada uma infração à norma: Nessa dimensão a “loucura” existia no quadro do dispositivo penalizante da reclusão e “o louco” é compreendido como um Outro (HADDOCK-LOBO, 2008).

A substituição da prática do encarceramento pelo regime clínico corresponde igualmente à ideia desse “o Outro” marcar o limite de sua própria existência no interior da “plenitude da verdade”. Na estrutura do encarceramento “o louco” fora assimilado ao blasfemador ou ao pródigo: o primeiro manifestava uma má condição face a sua razão, o segundo manifestava uma relação ruim com a dívida ou a riqueza. O “Outro” era irreconhecível, não identificável. Inspirava medo ou angústia. Era então internado e o encarceramento deveria torná-lo razoável. O período da hospitalização conduz à “clínica” e implicaria o domínio da concepção científica, médica e jurídica da loucura. Transforma-se o sentido do “Outro”: o Outro perdera todos os signos livres da “subjetividade”. O “paciente” não é mais um Outro. O paciente é alguém entregue ao poder do “Grande Outro” simbolizado pela figura do médico (CAPONI, 2009).

O filósofo francês estabelece um levantamento e designa uma correspondência entre os conceitos principais da história das “práticas” da loucura (ou de “formas do poder”, usada as noções anteriores de Foucault) e os conceitos de história da “experiência de si”. Na estrutura do encarceramento, “a loucura” é um mal uso da liberdade, e o “louco” é um Outro. Na estrutura clínica, a loucura é uma “doença” e o louco é um “objeto da vigilância”. No primeiro caso, o louco é alienado expulso para fora dos limites da sociedade, mas é o portador da sua própria verdade. No segundo caso, a alienação é redobrada: o louco permanece isolado da sociedade e a verdade sobre sua loucura é entregue à subjetividade jurídica do “Outro”.

A análise antropológica dos temas da “alienação” e do “Outro” caminha junto à pesquisa do significado da “exclusão”. Essa noção é introduzida no cenário de análise de uma outra noção mais geral de “idade”, que é dada pela mesma formulação do tema: “a história da loucura na idade clássica”. Segue citação dessa perspectiva geral:

Inteiramente excluída, inteiramente objetivada, a loucura não se manifesta por si mesma ou através de uma linguagem que lhe seja própria (...) este profundo silêncio impõe a aparência do adormecimento da loucura durante a idade clássica (FOUCAULT, 1978, p. 192).

Essa citação apresenta o fundamento foucaultiano da exclusão tratado no quadro da questão da loucura na idade moderna. Particulariza-se: 1 - A exclusão: o conceito de exclusão é um conceito chave em “História da Loucura” e na obra de Foucault como um todo. A lição inaugural, o lugar inicial ocupado por essa noção é identificado na noção de “ordem do discurso”. Nos escritos e nos cursos sobre as narrativas como dispositivos da ordem e do poder encontra-se a conceitualização foucaultiana da exclusão e a determinação de seus diferentes tipos. Simom Trempe (2019) realizou um excelente estudo sobre a exclusão como o gesto – a prática – estruturante da cultura ocidental. 2 - A objetivação: esta noção descreve dois processos semelhantes, mas dois percursos diferentes: a) a emergência do objeto, ou seja, a vinda do objeto à existência e b) a transformação em objeto. A loucura surge como um objeto inédito, anteriormente existente. Se torna objeto de análise a partir da “identificação” de uma relação do louco com uma experiência particular (a experiência do irracional) no interior da qual a loucura é considerada como um objeto. Resumindo: colocada a irracionalidade na condição de um objeto de estudo e da prática, a loucura igualmente emerge como um objeto de interpretação. 3 - O silêncio: segundo Foucault a história da loucura é uma “arqueologia do silêncio”<sup>6</sup>. Nesse sentido afirma Derrida:

A linguagem da psiquiatria, que é um monólogo da razão sobre a loucura só poderia se estabelecer sobre esse silêncio. Ele não quis fazer a história dessa linguagem, quis fazer a arqueologia do silêncio (DERRIDA, 1995, p. 57)

Esses três elementos, exclusão, objetificação e silêncio, estão estreitamente ligados. No entanto, o conceito de exclusão exerce uma função principal na análise dos conceitos de razão e irracionalidade na idade moderna, momento no qual são criados os conceitos de “razão” e “loucura”. Esses elementos pertencem à essência da época. Estabeleceram regras particulares, conduziram um tipo de ação, destacaram certas partes da experiência e suprimiram a visibilidade de outras. Neste compasso, forma-se o teor da verdade que constrói o sentido da época. A Idade Moderna se define inclusive por essa operação de exclusão. No seu interior encontra-se o irracional como verdade da loucura. Uma interpretação se opõe a representação da época como desdobramento contínuo e linear da verdade (TREMPE, 2019). Admite-se o movimento da idade moderna no desenho “[d]a bela retidão que conduz o pensamento racional até a análise da loucura como doença

---

mental” (FOUCAULT, 1978). A análise “arqueológica” aponta nessa retidão “a necessidade de reinterpretar em uma dimensão vertical” (FOUCAULT, 1978). A experiência racional da loucura se ergueria e se tornaria dominante devido a crescente limitação exercida sobre a experiência trágica do irracional. Como observou Foucault (1978), a experiência trágica será levada a se manifestar de novo em certas ideias de Nietzsche ou de Freud, mas isso se fará depois que a idade clássica for definitivamente jogada para fora do domínio da cultura ocidental (FOUCAULT, 1978).

A análise do epistemólogo francês localiza não somente o controle, mas também a repressão do irracional no período do “renascimento”. Verifica-se a oposição irreduzível entre a experiência trágica da irracionalidade à consciência crítica e evidencia-se outras noções: a esfera visual e a esfera discursiva. Na primeira é “todo o silêncio das imagens” representado pela pintura do século XV de artistas como Bosch, Brueghel, Thierry Bouts, (FOUCAULT, 1978). Descobre-se pelo olhar “a estranheza familiar do mundo” (FOUCAULT, 1978). Na segunda, encontra-se “a reflexão moral” - nas obras de Erasme de Rotterdan - a representação da irracionalidade como a loucura humana “se inclinando diante da sabedoria” (FOUCAULT, 1978). O domínio da existência da Irracionalidade é o lugar da existência da “consciência crítica do homem” (FOUCAULT, 1978). Na véspera da idade moderna, no período denominado “barroco”, essa tendência se tornara mais pronunciada. O irracional figurara objetos do tema da “ilusão de ótica” e os promovia como evidências da ilusão.

Nesse compasso, o irracional geralmente não poderá mais ser observado na generalidade dos empreendimentos da Idade Moderna. Em outras palavras, muitas manifestações estéticas evidenciadas no “renascimento” têm dividida, limitada e recusada a experiência de uma razão irracional e de um razoável irracional. A comunicação ou a troca entre a razão e o irracional serão demarcadas e reprimidas e possível entre a razão e o irracional. O objetivo desse processo seria alcançar uma forma pura de razão excluindo o condenado a ser apenas uma parte da experiência no plano geral. Essa divisão seria obra da própria razão em busca de uma autonomia absoluta. Para alcançá-la, a razão deveria se livrar do que não era, caso contrário seria apenas meia-verdade. Essa dupla razão fora conhecida, no decorrer dos séculos, como “irracionalidade”. Juntos, eles formam a configuração unificada da verdade. Doravante, a razão determinará sozinha sua forma própria (KRAEMER, 2011). Pode-se afirmar que a razão se transforma, mas é importante destacar que a configuração da verdade também se modifica: surgindo uma só esfera que engloba

todos os fenômenos possíveis. A razão se torna a forma única da verdade e a exclusão do irracional se torna uma missão privada e pública. Ocorre “um grande golpe de força” que leva a tomada do poder pela “ratio”, ou seja, a razão na sua forma pura. Um dos aspectos desse golpe de força é a mudança de configuração da verdade. Um segundo aspecto é o desaparecimento do irracional equivalente ao apagamento dos antigos processos de formação da verdade. Uma nova forma aparece e um novo conceito emerge. Graças a ele, toda a experiência relativa ao irracional é englobada de uma forma que atenda às exigências do novo processo de formação da verdade – as exigências fixadas pela “ratio”. Esse novo conceito é a “loucura” associada à uma nova noção de normalidade. Ambas, então, signatárias da determinação política, jurídica e acadêmica do “normal” (KRAEMER, 2011). Em outras palavras, a definição de normalidade será deliberada pela autoridade do conhecimento especializado e por tipificação legal. À “anormalidade”, na mesma trilha, será dedicada caracterização, conceituação e seleção – os diferentes sujeitos anormais da modernidade. Singulariza-se a seguinte lembrança de cunho teórico e bibliográfico: na trilogia formada pelas obras “História da loucura” (1978), “História da sexualidade” (1999) e “Vigiar e Punir” (1987), Foucault traz um estudo da construção histórica das penas, dos respectivos encarceramentos e exclusão dos sujeitos identificados/diagnosticados segundo o tipo de loucura (alienado, improdutivo, tutelável), segundo o tipo de criminalidade (acumulação de riqueza, novos fatores de desigualdade e distância social. Superior potencial criminogênico o segundo o uso do corpo e do ato sexual além da necessidade biológica e da reprodução (o perverso, a ninfomaniaca, a histérica, a invenção da sexualidade, a sexualidade como uso social disciplinável, o desconforto posterior trazido pela teoria do inconsciente, Freud, o núcleo familiar na origem do desvio, a fala confessional à exemplo da confissão do criminoso no tribunal e do louco no hospício).

Recuperada a dissertação temática, distingue-se o desaparecimento do irracional como significativa mudança na estrutura de formação da verdade: antes, o irracional fora “sujeito” da verdade. A partir da idade moderna se transforma em um objeto de julgamento. O irracional torna-se “loucura”. A razão se torna o único sujeito da verdade.

A exclusão tem a função de um conceito “gerador” da cadeia “exclusão – objetivação – silêncio”. Na primeira ligação dessa cadeia exclusão – objetivação, o irracional o objeto é precisamente a loucura. Do ponto de vista de sua gênese antropológica, a loucura equivale ao excluído.



A segunda ligação: objetificação – silêncio. Na medida da loucura como objeto, o silêncio se torna seu atributo. A loucura não sendo “sujeito”, o “discurso” não pode lhe ser atribuído.

As ideias de “História da Loucura” foram desenvolvidas em posteriores cursos e publicações de Foucault. No curso “Os Anormais” desenvolveu uma concepção “arqueológica” da razão, a ideia da exclusão como instauração do limite, e conceitualizado o limite de uma maneira nova. A partir da história da loucura é possível concluir, a contar do século XVII, a busca da autonomia da razão na idade moderna (a ratio). A razão também como ideal instaura a solução social e política de seu próprio limite. As instituições disciplinadoras do Estado separaram e excluíram quem não correspondia às condições determinadas pelo racional como fundamento de sua existência. Esta dialética da razão e de seu Outro (o irracional) oferece a base filosófica do curso e do livro.<sup>7</sup>

Finalmente, a importância da questão: quem são, na realidade, esses “anormais”? Seria a primeira aparição da figura do anormal na pesquisa de Foucault. Onde ele encontrava esse “personagem”, em qual domínio sua presença se manifestava na idade moderna e na modernidade? O domínio identificado será o da expertise médico-legal. Após apresentar uma imagem singular dos “anormais”, Foucault (2001), implicitamente, propõe a questão: como o discurso que lhe dá existência e a perpetua o “discurso da verdade” e um discurso que “faz rir” quer dizer, um “discurso grotesco” é tão imperceptível que se tornou uma parte vital de nossa existência diária? Por que a teoria lhe deu tão pouco espaço? Foucault conduz a análise da ausência difusa dos "anormais". Não se compartilha com

---

<sup>7</sup> “Os anormais” pode ser considerado não somente sobre o ângulo da herança, mas também sobre o ângulo da antecipação. Como já mencionado no texto deste trabalho a exclusão horizontal e vertical dos catalogados como anormais é igualmente um dos temas das outras obras de Foucault: Vigiar e punir (1975) e História da sexualidade (1976-1884). As “linhas” traçadas por Foucault se entrelaçam entre essas obras e formam um “nó”, por assim dizer, em “Os anormais”. O problema de exclusão constitui o ponto permanente ao reunir essas diferentes linhas. Embora as obras mencionadas examinem tipos específicos de formas de exclusão e objetos excluídos (a relação entre o crime, o criminoso e a punição em Vigiar e Punir; a relação entre a loucura, o louco e a instituição psiquiátrica em História da loucura; a relação entre o desejo pervertido, e o perverso e a família burguesa em História da sexualidade), em “Os Anormais” Foucault se inclina sobre a definição de exclusão. Esta definição aparece como o resultado de investigação da norma e da relação mantida com realidades além dela. Importa o particularismo dos vetores presentes no entrelaçamento entre “o discurso” e “a prática” e a análise de “tecnologias do poder” e de “técnicas de transformação dos indivíduos”. Associados a outras caracterizações, esses conceitos compõem conjunto da obra do conhecido “primeiro Foucault”.

eles os espaços civilizacionais da modernidade. O francês percebe a necessidade moderna da elaboração de técnicas de análise suplementares para detectar as práticas das quais o “outro” é produto. O compartilhamento se faz por intermédio da norma como limite, mas também uma rede “um sistema de regularidades” (de caráter teórico como de caráter prático, institucional, enfim, uma rede regular de saber e de poder). O normal e o anormal são separados por essa rede invisível. Ao olhar leigo prevalece a visibilidade da expressão do indesejável produzido pelo “anormal”. A distância imposta pelas arquiteturas da exclusão é absoluta e intransponível. Na ausência, formam-se a interpretação e o imaginário social do corpo e da prática do louco. Enraíza-se um medo difuso e alimenta-se a disciplina da razão no ocidente oitono-vecentista.

## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **Olvidar a Foucault**. Valencia: Galilée, 1977. Disponível em: [https://monoskop.org/images/4/48/Baudrillard\\_Jean\\_Olvidar\\_a\\_Foucault\\_1999.pdf](https://monoskop.org/images/4/48/Baudrillard_Jean_Olvidar_a_Foucault_1999.pdf).
- BLANCHOT, Maurice. **L'entretien infini**. Paris: Gallimard, 1969. Disponível em: In <https://b-ok.lat/book/4111368/4a84ee>.
- BLANCHOT, Maurice. **Michel Foucault Como o Imagino**. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1987. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/277832543/BLANCHOT-Maurice-Foucault-Como-o-Imagino>.
- CAPONI, Sandra. **Michel Foucault e a persistência do poder psiquiátrico**. Ciência e Saúde Coletiva. 20/01/09, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100015>.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**, São Paulo: Editora Brasiliense, 2005. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Foucault1.pdf>.
- DREYFUS, H., RABINOW, P. 1992. **Michel Foucault : un parcours philosophique**. Paris : Gallimard, 1992.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995. Disponível em: <https://bax-uva.github.io/fantasmas/arquivos/DERRIDA-Jacques-A-Escritura-e-a-Diferenca.pdf>.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/foucaultianos/pages/arquivos/Obras/HISTORIA%20DA%20LOUCURA.pdf>.
- FOUCAULT, Michel *et al.* **O homem e o discurso (a arqueologia de Michel Foucault)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971. Disponível em: <https://b-ok.lat/book/2084407/d2a0f3>
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault\\_historiadasesexualidade.pdf](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault_historiadasesexualidade.pdf).
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France, 1974-1975**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em: <https://b-ok.lat/book/2084463/76689d>.
- FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997. Disponível em: [https://monoskop.org/images/0/06/Foucault\\_Michel\\_Resumo\\_dos\\_cursos\\_do\\_College\\_de\\_France\\_1970-1982.pdf](https://monoskop.org/images/0/06/Foucault_Michel_Resumo_dos_cursos_do_College_de_France_1970-1982.pdf).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/80996/mod\\_resource/content/1/Texto%209%20Vigiar%20e%20punir.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/80996/mod_resource/content/1/Texto%209%20Vigiar%20e%20punir.pdf).

HADDOCK-LOBO, Rafael. **História da Loucura de Michel Foucault como uma “História do Outro**. VERITAS, Porto Alegre, v. 53, n° 2, abr/jun 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/elian/Downloads/4458-Texto%20do%20artigo-14273-1-10-20081126%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/elian/Downloads/4458-Texto%20do%20artigo-14273-1-10-20081126%20(1).pdf)

KRAEMER, Celso. **A Fabricação da anormalidade**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos – IHU Online. São Leopoldo, 06/06/11, Edição n° 364. “A História da Loucura” e o discurso racional em debate”. p. 17-20. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao364.pdf>, consulta dia 26 de agosto de 2021.

MACHADO, Roberto. **Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

SOULOUMIAC, Julien. **La norme dans l’Histoire de la folie : La Déraison et l’excès de l’Histoire**. Tracés. Revue de Sciences humaines. Online, 6, 2004. Disponível em: <http://journals.openedition.org/traces/2943> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/traces.2943>.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **À moda de Foucault: um exame das estratégias arqueológica e genealógica de investigação**. Lua Nova. Revista de cultura e política. Online, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452010000300009>, consultado dia 08 de setembro de 2021.

TREMPE, Simon. **Du rejet de la misère et de son renfermement : Commentaire sur l’Histoire de la folie de Michel Foucault**. Mémoire - Maîtrise en philosophie - avec mémoire Maître ès arts (M.A.). Université de Laval, 2019. Ppp 75-78. Disponível em : <https://corpus.ulaval.ca/jspui/bitstream/20.500.11794/37218/1/35558.pdf>, consulta em 10 de setembro de 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. **A Loucura como mecanismo de exclusão**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos – IHU Online. São Leopoldo, 06/06/11, Edição n° 364. “A História da Loucura” e o discurso racional em debate”. pp. 20-22. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao364.pdf>, consulta dia 26 de agosto de 2021.